

Eu sou uma vida: a Clarice de Gotlib e de Moser

VALÉRIA CARNEIRO DA SILVA*

Resumo: O presente artigo visa à exposição de um estudo comparativo, o qual tem por objetos de análise duas obras biográficas sobre a escritora Clarice Lispector (1920-1977): *Clarice, uma vida que se conta* (1995), de Nádia Battella Gotlib e *Clarice, uma biografia* (2009), de Benjamin Moser. A investigação está centrada na compreensão da maneira como cada biógrafo aborda determinadas características da vida da biografada e a quais instrumentos recorrem para efetivar a escrita, bem como as similitudes e as dissimilaridades no que concerne à abordagem acerca do mistério da origem, do nascimento e da morte da escritora, e, ainda, a relação estrita de Lispector com o mundo animal. Sob a luz de alguns escritos de Eneida Maria de Souza (2011) e Pierre Bourdieu (2006), a respeito da teorização do valor biográfico na relação entre vida e obra na biografia de escritor e a distinção entre factual e ficção.

Palavras-chave: Clarice Lispector; biografias; mistério.

I am a life: the Clarice of Gotlib and Moser

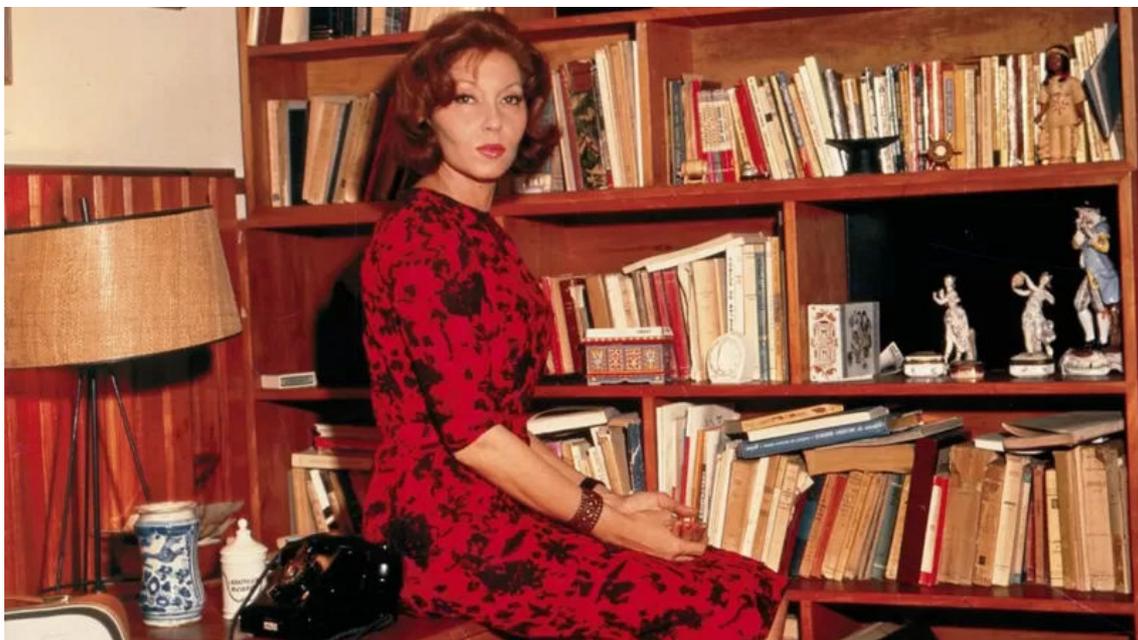
Abstract: This article aims at the discussion of a comparative study, which has as its object of analysis two biographical works about the writer Clarice Lispector (1920-1977): *Clarice, uma vida que se conta* [Clarice, a life that is told] (1995), by Nádia Battella Gotlib, and *Clarice, uma biografia* [Clarice, a biography] (2009), by Benjamin Moser. The investigation is focused on understand the way each biographer approaches certain characteristics of the life of the biographee and which instruments they use to carry out writing, as well as the similarities and dissimilarities regarding the approach to the mystery of origin, birth and death of the writer, and also Lispector's strict relationship with the animal world, in the light of writings by Eneida Maria de Souza (2011) and Pierre Bourdieu (2006) about the theorization of the biographical value in the relationship between life and work in the biography of a writer, and the distinction between factual and fiction.

Key words: Clarice Lispector; biographies; mystery.



* VALÉRIA CARNEIRO DA SILVA é mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Licenciada em Letras-Português/Espanhol pela Universidade Católica de Santos.

Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. Deus é o mundo. A verdade é sempre um contato interior inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique. (LISPECTOR, 1977, p. 21).



Clarice em seu apartamento no Leme, no Rio de Janeiro, em 1963.
Fonte: BBC Brasil: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59350092>

Introdução

Clarice Lispector, sob o ponto de vista literário, é atraente para ser biografada, em igual medida, fazer um estudo de caso de suas biografias é convidativo. Em Lispector, a vida é tão importante quanto a obra/arte, por isso três pessoas já se dedicaram a biografá-la: Nádya Battella Gotlib, *Clarice, uma vida que se conta* (1995)¹; Teresa Cristina Montero Ferreira, *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector* (1999); Benjamin Moser, *Clarice, uma biografia* (2009)², os anos das biografias se referem às primeiras publicações. Este estudo dedica-se à análise comparativa

de um recorte temático entre a primeira e a última biografia publicadas sobre a escritora brasileira, com o intuito de traçar o perfil da maneira como cada biógrafo conta a vida autoral. Nesse sentido, é evidente a sobreposição de verossimilhança de uma obra (Gotlib) em relação à outra (Moser), isto é, a sensibilidade, a objetividade e a fidelidade aos fatos, sem deixar de seguir a cronologia das ficções.

Considerando-se a importância da autora e a ampla fortuna crítica consolidada sobre sua obra, o presente artigo analisa, a partir da comparação entre duas biografias sobre Lispector, questões

¹ A primeira edição foi publicada em 1995, pela Editora Ática. Para esse estudo, utilizou-se a sétima edição publicada em 2013, pela Editora da Universidade de São Paulo.

² O título original *Why this World* foi publicado em 2009 pela Oxford University Press. Para esse estudo, utilizou-se a primeira edição publicada em 2017, pela Companhia das Letras, com tradução de José Geraldo Couto.

sobre o valor biográfico à luz de Eneida Maria de Souza (2011), e a relação existente entre vida e obra de escritor em face à sociologia de Pierre Bourdieu (2006). Com base no estudo da crítica biográfica, faz-se uma investigação aprofundada sobre a abordagem de ambas biografias sobre o mistério da vida e da morte em *Lispector*, ademais o estudo prossegue para a tratativa da relação da autora com os animais, fato bastante singular na vida e na obra de uma das autoras mais expressivas do século XX.

O valor biográfico

À diferença do que faz Moser (2017) em sua biografia, Gotlib (2013) procura deixar claro o propósito de sua escrita sobre *Lispector*. É o resultado da experiência de leitura dos textos clariceanos, a abordagem parte da obra literária produzida e da análise crítica dela, bem como de “certos dados de caráter autobiográfico, desde que tenham eles ligação mais direta com a produção literária” (GOTLIB, 2013, p. 15). Entende-se, portanto, que Gotlib constrói uma “biografia literária” no sentido extenso do termo, isto é, calcada na produção artística de *Lispector*, em que a presença da biografada se manifesta nos dados do repertório literário produzido ou, ainda, por meio da própria Clarice-autora e de outras pessoas que se dedicaram/dedicam também a compreendê-la:

Esta construção de uma *imagem de Clarice* acontece, pois, a partir da leitura de textos orais ou escritos: depoimentos: artigos, ensaios, entrevistas, cartas, notícias em jornais e revistas, bilhetes, ‘casos’, ou seja, trata-se de perceber as *marcas* ou *metáforas* dessa personalidade artística, a partir do que ela *diz* e do que *dizem* a seu respeito. (GOTLIB, 2013, p. 15).

Nesse sentido, é na relação entre a vida e a obra que se constrói a biografia de escritor. De acordo com Souza (2011), é no compasso da “possibilidade de reunir teoria e ficção” (p. 19) que a relação metafórica entre obra e vida se efetiva. Para a autora, existe um hibridismo entre o factual e a ficção, no qual não é prudente checar se o acontecimento narrado é verídico ou não, aliás o elemento factual da vida/obra do escritor somente adquire significado se for transformado pela visão do crítico, num processo de filtragem de “desrealização e dessubjetivação”:

Se considerarmos que a realidade e a ficção não se opõem de forma radical para a criação do ensaio biográfico, não é prudente checar, no caso de autobiografias ou de biografias, se o acontecimento narrado é verídico ou não. O que se propõe é considerar o acontecimento – se ele é recriado na ficção – desvinculado de critérios de julgamento quanto à veracidade ou não dos fatos. A interpretação do fato ficcional como repetição do vivido carece de formalização e reduplica os erros cometidos pela crítica biográfica praticada pelos antigos defensores do método positivista e psicológico, reinante no século 19 e princípios do século 20. O próprio acontecimento vivido pelo autor – ou lembrado, imaginado – é incapaz de atingir o nível de escrita se não são processados o mínimo distanciamento e o máximo de invenção. (SOUZA, 2011, p. 19-20).

A afirmação acima expõe que o valor biográfico presente na comunicação contemporânea não está na veracidade do factual, mas está naquilo que o biográfico consegue fazer na ficcionalização. A vida, por sua vez, é apresentada como um valor e a relação da escrita com a vida, isto é, a verdade da

verossimilhança é maior que a própria verdade. Como afirmou a própria Lispector: “Pelo amor de Deus, não me considere ‘uma escritora’ e sim ‘uma pessoa’”. (Clarice Lispector, carta a Fernando P., Rio de Janeiro, 12/10/1977 *apud* GOTLIB, 2013, p. 507). O cuidado e o rigor com a biografia de escritor deve se estender à distinção clara entre vida e obra, pois, embora uma cena seja recriada na ficção e faça alusão ao vivido pela autora, deve-se ter muita cautela para que a busca pelos vestígios e a confirmação da verdade de um acontecimento, seja em documentos, por meio de entrevistas ou outra fonte factível, seja distinguido do fato metaforizado e deslocado para a ficção. (SOUZA, 2011, p. 18).

Na linha sociológica, Pierre Bourdieu (2006) reagiu à voga crescente das “histórias de vida” nas ciências sociais desde os anos 70 e 80 do século anterior. Naquela época, essas histórias de vida vinham junto com o entusiasmo pelas metodologias de entrevistas e testemunhos. Este texto, “A ilusão biográfica”³, acabou sendo adotado como uma espécie de breviário metodológico das ciências humanas, no qual a vida é definida como “inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (p. 183). Assim, a biografia de escritor é composta, sobretudo, pela criação de uma personagem e de uma dramaticidade, com o zelo de não incorrer no risco de parecer convencional e clássica, pautada

apenas na cronologia, mas em fabulações e metáforas acerca do fato narrado.

Lispector: mistério de nascimento e morte

Assim como ocorre aos biógrafos e estudiosos do intelectual francês Roland Barthes (1915-1980)⁴, em Lispector, há também um tema fundamental e intrigante aos estudiosos: o enigma da vida e da morte. A relação com a vida é acompanhada desde o nascimento, na realidade, antes mesmo de Lispector vir ao mundo. Na biografia feita por Moser, a origem misteriosa de Clarice está marcada desde o início da obra, em que o biógrafo relata que o nome verdadeiro só foi conhecido no momento de sua morte. Outros dados nebulosos são sobre a origem do nascimento e a idade que tinha quando veio ao Brasil, segundo o biógrafo, Lispector sempre quis esconder o local de seu nascimento: “Não havia característica que Clarice Lispector mais quisesse perder do que o local de nascimento.” (MOSER, 2017, p. 20), além disso, sempre diminuiu a idade que veio ao Brasil (dois meses), porém tinha mais de um ano:

E ela mentia sobre a idade que tinha quando veio ao Brasil. Numa passagem já citada aqui, ela usa o *itálico* para enfatizar que tinha *apenas dois meses de idade* quando sua família desembarcou. Tinha mais de um ano, porém, como ela bem sabia [...], mas é estranha a sua insistência em rebaixar a idade até o mínimo verossímil. Por que se dar ao trabalho?” (MOSER, 2017, p. 21).

³ Título original em francês *L'illusion biographique*, publicado na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (62/63): 69-72, 1986.

⁴ DERRIDA, Jacques. “As mortes de Roland Barthes”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 7, n. 20, pp. 264-336.

Agosto de 2008. (Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury). Esse texto foi publicado pela primeira vez em *Poétique*, n. 47, pp. 269 a 291, setembro 1981. A revista prestou, neste número, uma homenagem póstuma a Roland Barthes, morto em Paris, no dia 26 de março de 1980.

O percurso sobre a origem da autora de *Perto do coração selvagem* (1944) é detalhado no decorrer do terceiro capítulo, intitulado “O pogrom básico”, em que o biógrafo explica o pogrom como a invasão por bolcheviques russos a casas de judeus, em que mulheres eram estupradas antes de serem mortas, e dos homens, retiravam-lhes tudo, inclusive o que havia na casa, para depois matá-los. Elisa, irmã de Clarice, publicou o romance *No exílio*, em 1948, nele, ela descreve como foi o ataque a sua família e o trauma que deixa sua mãe inválida após um pogrom. Moser afirma que há uma lacuna nesta história, pois, em seguida, é descrito que Mania (mãe de Clarice) morreu jovem de uma doença incurável. Lispector, no entanto, no fim de sua vida, declara a uma amiga que sua mãe fora violentada por um bando de soldados russos. Deles, ela contraiu sífilis e, no contexto da Guerra Civil na Ucrânia, após a Primeira Grande Guerra (1914) e as Revoluções Russas de 1917, ficou sem tratamento. Depois de uma década de sofrimento, Mania foi enterrada já no Brasil. Ela contraiu a doença antes de dar à luz a filha, pela superstição da época, quando uma mulher ficava doente, ter um filho poderia curá-la, mas não foi o que aconteceu. Dessa maneira, ainda criança, Clarice viu a mãe morrer, viu a mãe definhando pela doença relatada em Moser, a sífilis. Assim, Lispector relata sobre seu nascimento e seu trauma de nunca ter podido curar a doença da mãe, ela carregou consigo essa culpa. Foi muita sorte a de Clarice ter nascido e não ter contraído a doença.

O enigma da vida está posto, Moser afirma que Lispector disse uma vez que seria difícil alguém fazer a biografia dela, já que havia uma ‘coisa’ que ela queria contar, mas não podia. O biógrafo descreve que Mania, em certa medida, se saiu bem da guerra, apesar de tudo, suas

duas filhas não foram violentadas e a terceira (Clarice) sobreviveu ao parto da mãe doente. Ela nasceu em trânsito, os pais pararam a viagem para que o parto ocorresse, na ocasião, eles ainda estavam decidindo se viriam ao Brasil ou iriam aos Estados Unidos, onde já tinham família residente. E Mania ainda viveu para ver sua família segura em outro país.

Esse fato sugere uma inquietação: em que Moser teria se embasado para afirmar sobre o estupro da mãe de Clarice na Ucrânia? Foi um ataque de violência contra os judeus. Como descrito, isso é suficientemente colocado e fundamentado no livro, não significa que tenha sido factual ou não, mas há verossimilhança. É diferente de tratar como fato/lenda em uma resenha sobre esse livro. Em Moser, há uma pretensão romanesca, mas também há um teor crítico, pois a característica romanesca exige seleção do biógrafo. Antes de comparar esse episódio da vida de Lispector a como Gotlib o descreve, é necessário tratar do enigma da morte.

Benjamin Moser trabalha com a vida e a obra de Lispector na tentativa de constantemente atrelá-las às origens judaicas, essa relação perpassa toda a biografia, de maneira especial, quando situa o leitor a respeito dos conflitos do Leste Europeu, em que os judeus foram forçados ao grande movimento migratório, cujo fato levou também a família de Lispector a chegar ao Brasil. Não é diferente quando se trata da morte de Clarice.

A partir do capítulo 44 (“Falando a partir do túmulo”), é narrada uma entrevista concedida à TV Cultura em São Paulo, em 1977, momento em que, segundo Moser, Clarice teve sua aparição pública mais duradoura. O presságio da morte foi percebido antes mesmo de a entrevista iniciar, e o jornalista entrevistador Julio

Lerner, aliás judeu, sentia a responsabilidade histórica que carregava. Moser descreve o que Lispector declarou naquela ocasião: “Por enquanto eu estou morta. Estou falando de meu túmulo.” (p. 452). No capítulo seguinte “Nossa Senhora da Boa Morte”, é descrito as vezes em que Lispector declarou pressentir sua própria morte. A narrativa de *A hora da estrela* (1977), último livro publicado antes de sua partida, foi a expressão da vida inteira de Clarice: “ela conseguiu juntar todos os fios de sua escrita e de sua vida” (MOSER, 2017, p. 455). Macabéa, personagem protagonista do romance, era, por assim dizer, a expressão da origem judaica, da infância de Lispector no Nordeste ligada à nacionalidade brasileira e vida adulta no Rio de Janeiro. Sobre esse romance, o biógrafo afirma:

Muito da fama subsequente de Clarice Lispector, sua duradoura popularidade junto a um público amplo, repousa nesse livrinho, no qual ela conseguiu juntar todos os fios de sua escrita e de sua vida. Explicitamente judaico e explicitamente brasileiro, ligando o Nordeste da infância ao Rio de Janeiro da vida adulta, ‘social’ e abstrato, trágico e cômico, unindo suas questões religiosas e de linguagem com a força narrativa de seus melhores contos, *A hora da estrela* é um monumento digno da ‘genialidade insuportável’ de sua autora. (MOSER, 2017, p. 454).

Assim como a autora e outros muitos cidadãos, a personagem migra de Alagoas para o Rio de Janeiro. Seu nome carrega duas origens entrelaçadas: judaica e brasileira. O nome de Macabéa foi dado à menina por ocasião de uma promessa da mãe à Nossa Senhora da Boa Morte, santa reverenciada no Nordeste. O nome de batismo “alude ao episódio bíblico dos macabeus, o grupo liderado por Judas Macabeu, um dos

maiores heróis da história judaica.” (MOSER, 2017, p. 455). Naquela mesma entrevista a Julio Lerner, Clarice, ao ser interrogada sobre qual trabalho era seu predileto, respondeu “O ovo e a galinha”, por se tratar de um mistério, um enigma. Moser, em sua narrativa, relaciona os momentos de concepção, de vida e de morte: Macabéa não possuía ovários saudáveis e de capacidade reprodutiva, e Lispector sofreu de um câncer incurável no ovário. “Você matou meu personagem” (Gotlib, 1995, p. 484 *apud* MOSER, 2017, p. 467), foi o que disse Clarice à enfermeira que a impediu de sair do quarto, pouco antes de sua morte, enquanto sofria de uma hemorragia intensa. Morreu segurando a mão de sua grande amiga Olga Borelli.

Por fim, no Epílogo, Moser expõe o impacto no momento do enterro de Clarice, a revelação do nome judaico da autora: *Chaya bat Pinkhas*. *Chaya*, filha de Pinkhas, e não o brasileiro: Clarice Lispector. Ela ocultou esse nome durante a vida e foi revelado após a morte. Além disso, chama a atenção o fato de ter sido sepultada dois dias após morrer, no dia 11 de dezembro de 1977, pois o dia anterior caiu num *shabat*, dia também de seu aniversário de 57 anos. Mais uma vez, vida e morte revelam o enigma da vida autoral, essa obra biográfica chama a atenção para esse fato.

De acordo com Thiago Cavalcante Jerônimo (2019), Moser comete muitos descuidos ao biografar Lispector, recorre a “interpretações equivocadas, tortuosas e descabidas, confundindo texto ficcional com a realidade empírica dos autores” (p. 167). Da mesma maneira, Abdala Junior (2010) critica veementemente a narrativa de Moser, a qual possui “argumentos discutíveis”, por exemplo, sobre a afirmação do caso de estupro, da sífilis contraída e da morte causada pela doença à mãe de Clarice

sem haver provas em documentos ou relatos de pessoas que conviveram com a autora, configuram-se apenas divagações e suposições: “Constrói-se, assim, a narrativa ‘imaginária’ do estupro, como se verdade fosse.” (p. 289). Moser retrata detalhadamente a figura de Lispector, principalmente atrelando-a à origem judaica, talvez deixe um pouco de lado o fato de a autora sempre ter declarado sua condição de cidadã brasileira.

A evidência desse enigma em Lispector na obra de Nádya Gotlib já é enunciada logo na epígrafe do primeiro capítulo de *Clarice: uma vida que se conta* (2013): “Tenho várias caras. Uma delas é quase bonita, outra é quase feia. Sou o quê? Um quase tudo.” (Lispector, “Quase”, *Visão do Esplendor apud* Gotlib, 2013, p. 21). Aliás, o título do capítulo “Perfis” sugere essa identidade multifacetária e mística da autora de *O Lustre* (1946). Nesse capítulo, diferentemente de Moser, Gotlib inicia a temática do nascimento pela morte, traz relatos de pessoas que conviveram com Lispector pouco tempo antes de sua partida. O capítulo II “Da Rússia a Maceió e Recife” começa com a descrição da fotografia da família reunida ainda na Ucrânia, por ocasião de um casamento. Clarice ainda não havia nascido, receberia o nome de Haia, que quer dizer Clara, daí Clarice. De maneira distinta de como Moser conta, a origem de Clarice em Gotlib não parece ser tão nebulosa, primeiramente porque é mais objetiva e verossímil, não traz muitas divagações. Atém-se a documentos (certidões e fotografias), por exemplo, para evidenciar diferentes datas de nascimento: 10 de outubro e 10 de dezembro de 1920, esta última data é a da certidão original expedida na Ucrânia. Um fato interessante é de que há muita similaridade entre a introdução de Moser, intitulada “Esfinge”, com o

capítulo “Perfis” de Gotlib, pelo fato de apresentar a figura biografada a partir de impressões deixadas aos que com ela conviveram, apenas com a diferenciação, como já dita, das fabulações, como o próprio título do capítulo sugere. Moser nomeia Clarice de “a Esfinge do Rio de Janeiro” (p. 14), declara ser uma das figuras míticas do Brasil e inicia o capítulo comparando-a à própria Esfinge do Egito.

Descartando o primeiro capítulo de Gotlib sobre os perfis de Clarice, a biógrafa traça todo o percurso entre a origem da família, o fato do *pogrom*, a vinda ao Brasil e a estadia no Nordeste até o segundo capítulo, dividido por temas. O que, em Moser, é feito ao longo de cinco capítulos, muito mais de maneira cronológica.

A partir disso, Gotlib afirma objetivamente sobre o assunto polêmico da idade da menina:

Chegaram ao Brasil e aportaram no Nordeste: em Maceió, capital de Alagoas, onde tinham parentes. [...] Clarice tinha um ano e três meses: era março de 1922. E lá ficaram três anos. De Alagoas foram para Recife, onde devem ter chegado por volta de 1925: Clarice tinha quase cinco anos. (GOTLIB, 2013, p. 46).

Ainda sobre o nascimento de Lispector, a biógrafa relata sobre a doença que deixou Marieta, nome brasileiro da mãe de Clarice, paralisada. Ela ficava em casa, enquanto suas filhas estudavam. Há duas versões contadas à menina, a primeira é de que a doença tenha sido provocada por ocasião de seu nascimento; e a segunda é de que Marieta já era doente quando Clarice nasceu:

Segundo Clarice, a doença aconteceu ‘por causa de meu nascimento’. Não deve ter sido fácil para Clarice suportar o peso dessa

doença da mãe. Há outra versão, que passam para a menina Clarice. ‘Eu morri de sentimento de culpa quando eu pensava que eu tinha feito isso quando nasci, mas me disseram que já tinha nascido. Não: que ela já [...] era parálitica’. (GOTLIB, 2013, p. 58-59).

A biógrafa assume a postura de indagação, de não ter provas o suficiente para evidenciar o fato, por isso conclui: “Não se fica sabendo ao certo se a doença teria sido provocada, ou pelo menos agravada, pelo parto. Mas, de qualquer forma, Clarice recebe o impacto da doença da mãe como algo que se relaciona com sua própria existência como filha.” (GOTLIB, 2013, p. 59).

A respeito do fim da vida da autora de *Água Viva* (1973), Gotlib inicia a temática na última parte do penúltimo capítulo, intitulado “De volta ao Brasil” (p. 387), na qual retrata o processo de desficcionalização em Lispector, em ocasião do recebimento de uma carta do crítico José Américo Pessanha com seu olhar sobre a obra então intitulada *Objeto Gritante* que, mais tarde, receberia o nome de *Água Viva*. Essa carta demonstra “uma arguta e sensível crítica da evolução do processo narrativo de Clarice” (p. 502), nela, o crítico revela o afastamento artístico e a fuga da autora aos padrões estéticos, declara: “‘Vejo você, minha amiga, vivendo um momento de encruzilhada interior e transfigurada em linguagem’” (p. 506). Segundo Gotlib, as indicações do crítico revelam uma espécie de caráter premonitório em relação aos escritos posteriores de Lispector.

O relato dos anos finais da vida da escritora de *A hora da estrela* (1977) é feito de maneira delicada e minuciosa, parte da desficcionalização da linguagem da autora ao último capítulo, intitulado “Para Sempre” (p. 507). Ele

inicia-se com a revelação da urgência de se ter uma pintura, um retrato da escritora que ficasse marcado, este foi feito pelo pintor Carlos Seliar (1920-2001), descendente de judeus. Em seguida, a biógrafa descreve algumas temáticas pujantes nos textos clariceanos daquele momento, por exemplo, sexo e desejo. E a linguagem abordada nas obras, ora passando pela necessidade do uso contínuo do relato, em *A Vida Íntima de Laura* (1974), ora com “textos com enredo excessivamente forte, em linguagem concretíssima, numa volta ao figurativo” (p. 519), em *A via crucis do corpo* e *Onde estivestes de noite* (1974). A alternância entre Clarice-escritora e Clarice-pessoa está presente, como aponta Gotlib, em registros de “fatos diários”, “num conjunto autobiográfico, ainda que supostamente involuntário” (p. 526), a exemplo do trecho em que a narradora relata sua vida de escritora, no contexto do Dia das Mães, em “Por enquanto” e “Dia após dia”, textos da obra *A via crucis do corpo*. A partir desse comentário, passa para as leituras que fez ou aquelas que deixou de fazer:

‘De vez em quando eu fico meio machadiana. Por falar em Machado de Assis, estou com saudade dele. Parece mentira, mas não tenho nenhum livro dele em minha estante. José de Alencar, eu nem lembro se li alguma vez.’ Sente saudade dos filhos. Vai ver TV. E termina o conto: “A gente morre às vezes”. (GOTLIB, 2013, p. 528).

Em seguida, a biógrafa descreve uma série de acontecimentos que precedem o momento da morte de Lispector: a participação da autora no Congresso de Bruxaria na Colômbia, em 1975, e sua relação com a magia; a sensação de mal-estar e estranhamento que causa a crônica “Muita raiva: Falta de Amor” (1975), “um dos textos mais cruéis escritos por Clarice Lispector” (p. 539);

a necessidade declarada em carta à amiga Olga Borelli, de se retirar, de passar uns dias fora; um ano antes de sua morte, lista uma série de compromissos com muito entusiasmo, entre eles, está o convite de Júlio Cortázar para conhecê-la pessoalmente e muitos encontros com universitários, entrevistas e adaptações de sua obra para a televisão. Ao final, ela se questiona: “E por que as pessoas se queixam de não me entender e agora parecem me entender?” (Clarice Lispector, carta a Olga Borelli *apud* Gotlib, 2013, p. 548); sua aversão a conceder entrevistas e, neste ponto, chega-se ao depoimento que prestou ao MIS (Museu da Imagem e do Som), no Rio de Janeiro, à Marina Colasanti e a Affonso Romano de Sant’Anna e, finalmente, ao mesmo trecho descrito por Benjamin Moser, a entrevista concedida à TV Cultura, em 1977, a Julio Lerner.

Ao contrário do início e sobre a origem da vida de Clarice, Gotlib mostra-se muito mais minuciosa ao tratar do percurso do fim da vida da autora de *Um sopro de vida* (1978). Nota-se uma via cruzada entre os biógrafos objetos desse estudo, Moser detalha e atém-se à origem judaica de Clarice, tenta de todos os modos ser verossímil nesse quesito, por isso a excessiva descrição e uso de fabulações no início de sua biografia. Gotlib, ao contrário, mais objetiva, assertiva e sensível faz uma urdidura fantástica, não há pretensão romanesca, ela mais pergunta do que traz respostas.

A entrevista concedida à TV Cultura, por exemplo, é mais detalhada sob o ponto de vista de Gotlib, há um passo a passo cronológico. Em seguida, ela tece comparações entre o último romance publicado em vida *A hora da estrela* (1977) com momentos finais da vida de Clarice. Surge, então, uma inquietação: seria uma espécie de desvendar o

mistério, o que tenta fazer Lispector com o narrador Rodrigo e este com a personagem Macabéa? O enigmático tema do romance “é a própria incapacidade de se representar o mundo, é defrontar-se com linguagens e narrativas vãs. É, pois, a avaliação dos alcances e limites desse seu poder: o poder da escrita. Por isso, todos os três personagens datilografam.” (GOTLIB, 203, p. 586).

Lispector morreu às dez e meia do dia 9 de dezembro, sexta-feira, às vésperas do seu aniversário: “No que precede o acontecimento – é lá que eu vivo. Espero viver sempre às vésperas. E não no dia”. (Clarice Lispector, carta a Olga Borelli *apud* Gotlib, 2013, p. 601). Morreu uma estrela, foi chegada a hora, como Macabéa: “-Você matou meu personagem” (Olga Borelli, em depoimento à autora *apud* Gotlib, 2013, p. 604), foi o que disse com raiva à enfermeira, quando foi impedida de sair do quarto, de acordo com sua amiga Olga Borelli, que presenciou os últimos momentos de vida da autora.

O mundo fascinante dos animais sob a ótica de Clarice

Outro ponto relacionado à vida de Lispector que mereceu destaque nessa análise é a afeição que a autora nutria pelos animais, especialmente pelos gatos. Quando criança, ainda em Recife, morava em um casarão, lá criava bichos, teve um macaco e muitos gatos. Essa relação entre vida e obra ganha ainda mais destaque, pois o amor aos bichos foi passado ao livro infantil *A Mulher que Matou os Peixes* (1968), no qual a narradora, chamada Clarice, conta às crianças não só essa história como também outras em que teve relação com os animais, em especial sobre gatos, sua aproximação com os felinos desde a infância. Embora não seja possível identificar o que é real e o que é fruto da

imaginação e da memória da menina Clarice, como observa Gotlib: “[...] uma lembrança de infância que situa a menina cercada de gatos, de muitos gatos. É assim que a vê Clarice-adulta, bem mais tarde, ao recontar a história, revestindo-a de dados cujos limites – o que é real e o que é ficção? – nunca poderemos identificar com certeza.” (p. 65). O fato é que, em diversas ocasiões, a Clarice-autora declarou gostar muito dos bichos. Na biografia feita por Gotlib essa particularidade é contada na parte intitulada “A menina e os bichos”, do segundo capítulo “Da Rússia a Maceió e Recife” (p. 27).

Além dos gatos, Lispector também gostava muito de galinhas, observava-as desde menina, e são protagonistas de algumas de suas obras, ora como prazer e lembrança da infância, como é o caso de *A Vida Íntima de Laura* (1974), em que a narradora em primeira pessoa se dirige ao público leitor infantil e declara que ficava horas a observar o comportamento das galinhas e, por isso, afirmava conhecê-las bem. Ora como discurso filosófico como no conto “O Ovo e a Galinha” (In: *A legião Estrangeira*, 1964), esse texto foi citado pela própria Lispector em entrevista concedida à TV Cultura, pouco antes de sua morte, como um dos contos mais herméticos que produziu, justamente por se tratar do mistério do nascimento, “sobre o de dentro e o de fora das ‘coisas.’” (p. 66) e declarou também não o compreender muito bem. Mesmo sem nome específico para a galinha, como é o caso do conto “Uma Galinha” (In: *Alguns contos*, 1952), esse animal, em certa medida, é personificado e ganha características racionais, consegue sentir como os humanos, quer dizer, a galinha na véspera de domingo e já no domingo pela manhã, querendo escapar à tradição de ser o almoço das famílias, luta bravamente para correr do destino a que

está fadada. Numa descrição sensível, o narrador conta a respeito do voo que alça:

Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. [...] Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma. (LISPECTOR, 1952, p. 42).

Quando finalmente é caçada, nota-se que ela estava para botar um ovo, assim que a menina da casa percebeu, implorou aos pais que não matassem a galinha e jurou que, se caso eles o fizessem, ela nunca mais comeria uma galinha. A ave passou a fazer parte da família, até mesmo com um tom de estimação, o pai sempre arrependido de ter corrido atrás da galinha pelo estado em que ela se encontrava: “A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam” (LISPECTOR, 1952, p. 44). Passado um tempo, a sensibilidade com que a narração é conduzida, realmente demonstra ser um narrador ou, quem sabe, uma escritora muito afeita aos animais, em especial à galinha, a qual conhece em seus detalhes: “[...] se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho — era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo

dos séculos.” (LISPECTOR, 1952, p. 45). Assim, a autora afirmou ao jornalista Edilberto Coutinho: “Eu entendo uma galinha, perfeitamente. Quero dizer, a vida íntima de uma galinha, eu sei como é”. (COUTINHO, 1976 *apud* GOTLIB, 2013, p. 66). Por fim, a galinha fora morta e virou o almoço de domingo da família. Além desses bichos, haverá outros muitos com os quais Lispector lidou e transformou seja em personagem, seja como seu animal de estimação, como é o caso de seu cachorro Ulysses, já na fase adulta. Lispector disse certa vez: “Somente quem teme a própria animalidade não gosta de bichos. Eu adoro”. “Talvez seja porque sou de sagitário, metade bicho”. (COUTINHO, “Uma mulher chamada Clarice Lispector”, 1976 *apud* GOTLIB, 2013, p. 66).

No texto de Moser, a referência à proximidade com os bichos é relatada no sexto capítulo “*Griene Gringos*” (p. 69), não dedica uma parte específica para isso, conta o fato em meio a outras histórias da pequena Clarice, como o processo de aprendizado, a alfabetização, a maneira como dava nomes às coisas e às pessoas, contadas de modo especialmente romanesco. Como por exemplo, muito verossímil, justifica o gosto de Lispector pelos gatos, comparando-a aos felinos, com base no que as pessoas diziam a seu respeito: “Pessoas que a conheceram volta e meia a comparavam com um bicho, em geral um felino: elegante, inescrutável, potencialmente violento.” (MOSER, 2017, p. 80), “Impressionou-me o seu rosto eslavo, forte e belo, com alguma coisa de animal felino” (Ferreira Gullar *apud* Moser, 2017, p. 80). Moser não se dedica a comparar o gosto pelas galinhas à produção literária de Lispector. Nessa passagem sobre os bichos, compara-a apenas à personagem Joana de *Perto do Coração Selvagem* (1944),

especialmente sobre a existência animal e a personalidade obstinada de ambas as mulheres: criadora e criatura.

Considerações finais

Objetivou-se, com este artigo, discorrer acerca das proximidades e afastamentos de duas das biografias mais notáveis sobre a autora Clarice Lispector, evidentemente esclarecida a sobreposição de verossimilhança de uma obra (Gotlib) em relação à outra (Moser). O recorte foi feito a partir da temática do mistério que envolve o nascimento e a morte da autora, além disso, sobre a afeição que nutria pelos animais, em especial pelos gatos e pelas galinhas. O mistério que envolve Lispector é causa referenciada nas duas bibliografias e difundida entre os mais diversos pesquisadores e autores. Como ocorreu a Carlos Drummond Andrade brilhantemente escrever: “Clarice/ Veio de um mistério, partiu para outro./ Ficamos sem saber a essência do mistério./ Ou o mistério não era essencial./ Essencial era Clarice viajando nele. (ANDRADE, “Visão de Clarice Lispector”, 1978 *apud* GOTLIB, 2013, p. 605).

No intuito de compreender as escritas sobre a vida da escritora, além de considerar o fato de que catorze anos separam a publicação das duas obras, a primeira é brasileira, e a mais recente é estrangeira, também foi necessário recorrer aos estudos da crítica sobre o valor biográfico e a diferenciação necessária entre real ou documental e ficcional para a análise dessas escritas biográficas. Observou-se que a versão brasileira da biografia sobre Lispector é mais sensível, objetiva e fiel aos momentos de vivência da autora, ao mesmo tempo, sem deixar de fazer um perfeito circuito cronológico acerca de suas obras. Por outro lado, o “espaço biográfico”, tal qual define e descreve

Arfuch (2002, p. 16) ou, ainda, o caráter “minucioso, fragmentário, caótico, pouco importa seu modo” para fazer o relato de uma vida é fonte cerne dos escritos de Moser, principalmente no que se refere às fabulações e verossimilhança implicadas à maneira de contar a vida de Lispector.

Enfim, o recorte temático assumido neste estudo possui viés de escolha pessoal sobre a obra de Lispector, lida e relida ao longo de aproximadamente vinte anos. A Clarice-pessoa instiga e intriga em igual medida a partir de estudos mais recentes (um ano): “Quer dizer, suponho que entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato” (Entrevista de Lispector à TV Cultura *apud* MOSER, 2017, p. 451).

Referências

- ABDALA JUNIOR, B. **Biografia de Clarice, por Benjamin Moser**: coincidências e equívocos. Estudos avançados, v. 24, n. 70, São Paulo: USP, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10508>. Acesso em: 15.01. 2021.
- ARFUCH, Leonor. Apresentação. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 15-34.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- DERRIDA, Jacques. “As mortes de Roland Barthes”. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 7, n. 20, pp. 264-336. Agosto de 2008. (Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury).
- GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice**: uma vida que se conta. 7. ed. rev. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- JERONIMO, Thiago Cavalcante. **A Clarice de Benjamin Moser**: uma “evidência folclórica”. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura Crítica Literária da PUC-SP. n. 23, São Paulo: PUC, 2019.
- LISPECTOR, Clarice. **Alguns Contos**. “Uma Galinha”. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde – Serviço de Documentação, 1952, p. 42-45, (Col. Os Cadernos de Cultura).
- _____. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- LISPECTOR, Elisa. **No exílio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. Tradução de José Geraldo Couto. 1 ed. 2. reimpressão – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SOUZA, E.M. A crítica biográfica. **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 17-22.

Recebido em 2021-08-30
Publicado em 2022-06-01